

Editorial

Prezado(a) leitor(a)

Com satisfação, estamos colocando à disposição do público mais um número da revista *Espaço Pedagógico*. Temos como compromisso a socialização de pesquisas e reflexões que ajudem a problematizar e fazer avançar o debate sobre questões que fazem parte do cotidiano escolar educacional.

No número 2 do volume 11 da revista temos um conjunto de textos que abordam temas e questões diversos.

O primeiro analisa uma questão muito pouco discutida pela escola, que é a inclusão escolar através do acompanhamento às crianças que passam por algum tipo de intervenção hospitalar e necessitam de tratamentos intensivos. Como essas questões, em geral, não são discutidas pela comunidade escolar, acabam ficando restritas ao âmbito familiar. O texto relata uma experiência de acompanhamento pedagógico oferecido pela classe hospitalar a uma criança e como esse processo contribuiu para uma reintegração positiva do aluno. As autoras concluem que acompanhar o tratamento de saúde nas classes hospitalares é funda-

mental para a superação de defasagem na aprendizagem, além de facilitar o reingresso da criança na escola.

O segundo texto trata do currículo e dos temas transversais. A temática tem sido objeto de polêmicas e muitas discussões e está longe de chegar a um consenso. Quando se pensa em currículo, entram em questão imediatamente os problemas históricos da educação brasileira da unidade e da diversidade de realidades. Essa discussão tem sentido de ser posta porque se constitui num problema que está longe de ser resolvido. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) foram instituídos, em parte, para resolver o problema do local e do global, da unidade e da diversidade. Como articular, no âmbito da escola, os PCNs com os projetos político-pedagógicos elaborados pelas escolas? Qualquer proposta que se proponha a enfrentar o problema do currículo no sentido de pensar as realidades dos alunos e o conhecimento elaborado encontrará dificuldades. O questionamento das autoras toca na questão central: “Como, efetivamente, elaborar um currículo que atenda não só às exigências legais, mas, sobretudo, às exigências humanas, sociais,

morais para a construção de cidadãos que saibam valorizar a natureza, o homem e os sentimentos?”

O texto seguinte discute como o ensino de física nas séries iniciais pode contribuir para a “alfabetização científica e tecnológica”. A questão desafiadora é como desencadear esse processo desde o início da alfabetização visando ao “desenvolvimento de uma consciência crítica”. A reflexão apóia-se em três aspectos: o primeiro diz respeito à aproximação dos alunos com a ciência e a tecnologia; o segundo, às possibilidades de que o ensino de física seja incorporado nos currículos desde o início da alfabetização e o terceiro, ao problema da formação dos professores na perspectiva da aproximação com o próprio ensino da física.

“Educar construindo compromissos com outros” reflete sobre um dos principais problemas contemporâneos. O desafio da educação é ajudar a problematizar essa realidade e também contribuir para, como dizem os autores, a construção de novas formas de conduta. O cotidiano da escola, do trabalho e da própria vida familiar tem relevado a fragilidade das relações interpessoais e o quanto é difícil conviver e crescer na alteridade. A educação em geral e a escola, particularmente, são desafiados a pensar em valores de solidariedade, não apenas entre os seres humanos, mas para com o planeta como um todo. Os autores apontam para as potencialidades educacionais na construção de “imaginários de pertença a uma única espécie, para, en-

tão, assumir vivências comunitárias de cooperação”.

Na seqüência, analisa-se a modelagem matemática como metodologia de ensino. As dificuldades para a construção de um pensamento matemático são antigas e perpassam a história da humanidade. A modelagem matemática tem como preocupação contribuir no desenvolvimento do pensar matemático, da “criatividade, do raciocínio lógico e da autonomia das pessoas”. Por isso, tem sido utilizada como *metodologia de ensino*. Essa metodologia exige que o professor tenha um conhecimento suficientemente amplo da matemática e da realidade. Os autores concluem que a modelagem matemática “consiste em atribuir significado a conceitos, estimular o desenvolvimento do raciocínio lógico e possibilitar ao educando a compreensão e resolução de problemas semelhantes, que, porventura, ocorram em suas vidas”.

Encerra o conjunto de artigos uma discussão sobre a educação em Rousseau. A retomada do pensamento de Rousseau na atualidade coloca em discussão as potencialidades próprias dos clássicos. O problema dos modismos tem se tornado uma constante no cenário acadêmico brasileiro em muitas áreas do conhecimento e, na área da educação, esse fenômeno não foge à regra. Dois questionamentos se fazem presentes diante dessa questão: ainda tem sentido ler os clássicos? Quais as questões centrais que precisamos formular aos clássicos? No presente texto a questão aprofundada pelos au-

tores diz respeito ao método proposto por Rousseau na obra *Emílio* para a educação. Os autores concluem que a educação, para Rousseau, “se dá no espaço dialético da denúncia, da desigualdade social e declara o *Emílio* como um modelo de sociedade educativa. Finaliza o sentido da educação, no sujeito individual e particular, como um modelo, que encontra no Emílio um estímulo para a criança no seu desenvolvimento educacional”.

Na sessão tradução, Kowarzik trata a respeito dos limites das ações revolucionárias que colocam como horizonte apenas a tomada de poder. O desafio está em como efetivar transformações *revolucionárias* que consigam ir além da tomada de poder e mudem as consciências, ou seja, que promovam processos efetivamente emancipatórios, na perspectiva apontada por Paulo Freire na pedagogia do oprimido.

Finalizando o presente número, contamos com a entrevista concedida

pelo “bonequeiro” Mário de Ballentti à professora do Instituto de Artes da Universidade de Passo Fundo Cilene Maria Potrich. Na entrevista, Ballentti discute como a escola tem tratado a “arte” e, ao mesmo tempo, ajuda a pensar como a arte na escola pode contribuir na formação integral do ser humano. A entrevista nos ajuda a pensar com mais seriedade a relação entre a arte, a construção do conhecimento e a formação integral do ser humano.

Esperamos que os textos que compõem o presente número da revista *Espaço Pedagógico* possam contribuir para a construção de uma escola que se preocupe com a formação integral do ser humano, cidadãos emancipados, conscientes das responsabilidades pessoais e coletivas e com os destinos da humanidade. A escola não vai resolver os graves problemas sociais, mas pode problematizá-los, ajudando a discutir possíveis saídas.

Editor